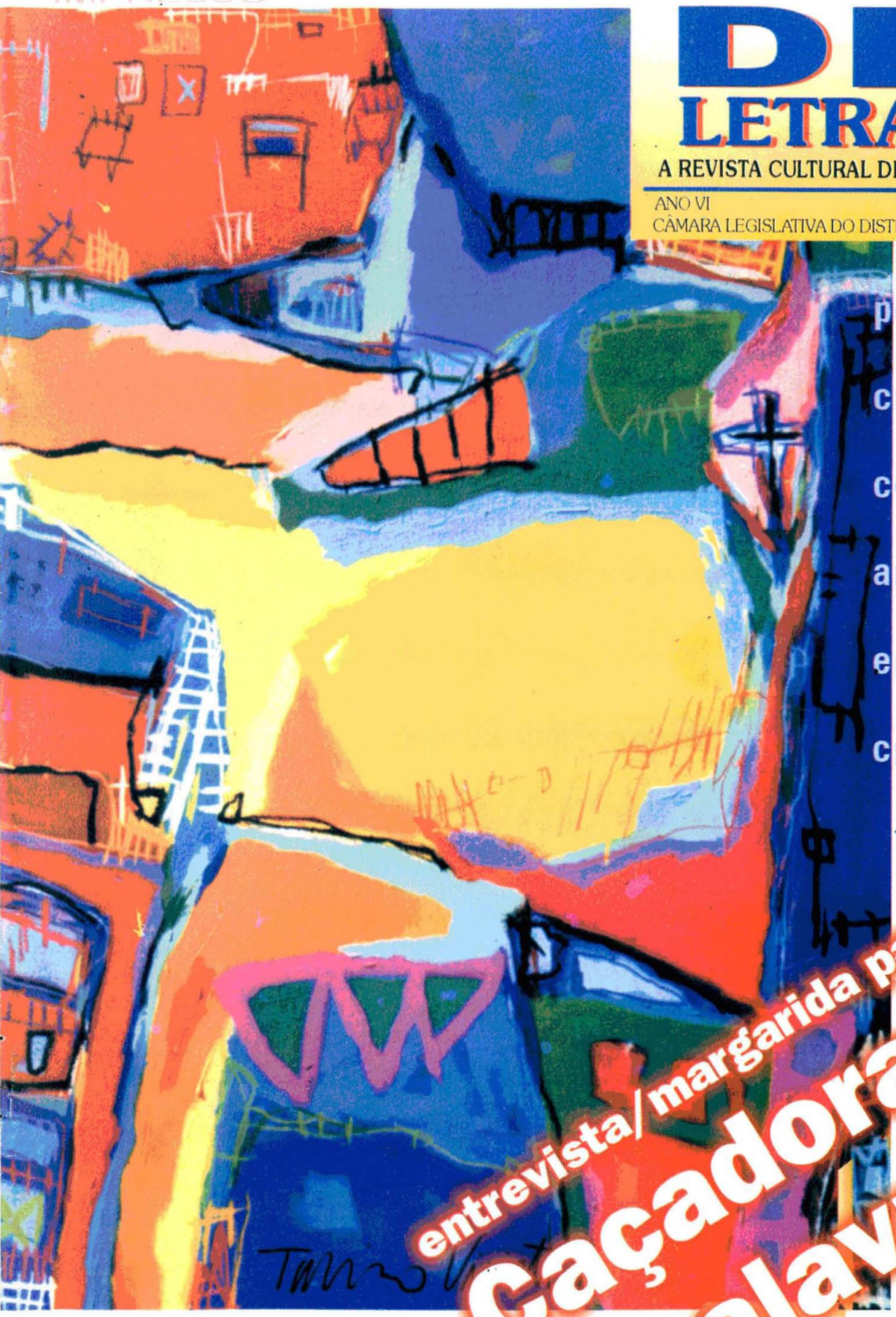
CONTRATO 281-0/97
ECT/ Câmara Legislativa/DF
UPAC/ Câmara Legislativa
IMPRESSO



DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 75/81
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

poemas
crônicas
contos
artigos
ensaios
críticas

entrevista/ margarida patriota

Caçadora de palavras

BRASÍLIA DAS ARTES PLÁSTICAS

Brasília e o Beirute

Uma Relação Amorosa

□ **CASSIANO NUNES**

É conhecida a observação de Mallarmé de que tudo existe no mundo para terminar em livro... Há muito de verdade nessa frase e tanto é assim que o próprio Beirute - o simpático bar-restaurante da 109 Sul - também acaba de originar um livro - livro de recordações, de saudades, de poesia. Igualmente, valerá o volume como documento histórico e tema para debate sociológico.

Aos que vêem as coisas mais superficialmente, o Beirute aparecerá como um oásis num deserto de solidão e de tédio: Brasília. Nenhuma cidade, no Brasil, foi, no passado, e é, no presente, tão malsinada como Brasília. É acusada de ter sido a causa de rompimento de cônjuges que tinham jurado só serem separados pela morte. Criou-se, até, uma denominação médica: "neurose de Brasília". E quem já não ouviu esse lugar-comum tolo de que Brasília não tem esquinas?... Brasília, de fato, gerou mudanças indesejadas para muitas famílias. Para elas, a quebra da rotina pode ter originado sérios distúrbios. A experiência de Brasília exigiu modificação de comportamento. Disto, não há dúvida.

Deixar o Rio de Janeiro - esse paraíso cheio de euforia e humor (mas também de muita alienação!) - para enfrentar as tarefas freqüentemente ásperas do pioneirismo foi, quanto a muitos, dose para leão! Mas a verdade - e esta é uma teoria minha - é que o "ódio a

Brasília" se radica num tremendo "complexo" que Freud explica: a aversão pelo interior, o horror ao "mato", o desgosto e desprezo pela "roça". Drummond caricaturou, impiedoso, os "inocentes" (os alienados) do Leblon num poema famoso. Poderia também ter escrito sobre os "inocentes" de Ipanema, da Barra da Tijuca e de outras paragens paradisíacas cariocas. Esses hedonistas acham que os japoneses é que devem vir colonizar os "cerrados" do Centro-Oeste. Enquanto eles de deitam na areia, bronzeiam os corpos e esquecem (cito Drummond), megalatifundiários crucificam o povo brasileiro. Mas, para eles, os epicuristas, tudo bem.

Devido ao infortunado "complexo", os brasileiros, até hoje, não tomaram posse do seu território todo, de tamanho continental. Juscelino foi um herói, mormente porque enfrentou essa resistência preguiçosa e principalmente burra. Teme-se o estrangeiro, mas nada se faz para que o nosso povo chegue até às suas fronteiras. A Fundação Brasil-Central acabou. O Projeto Rondon acabou. Mas o rock e todos os enlatados norte-americanos - a cultura do lixo - dominam o país, do Oiapoque ao Chuí.

> **"O Beirute é, entre outras coisas, um ponto dos que acreditam em Brasília, dos fiéis à mística de Brasília. É um lugar onde não se fala em dólares."**

No entanto, nós estamos aqui, pioneiros até certo ponto, enfrentando as décadas calamitosas, fruto do latifúndio e da alienação, e não do pioneirismo dos irmãos Vilas-Boas, de Bernardo Sayão e dos que os seguiram. O Beirute é, entre outras coisas, um ponto dos que acreditam em Brasília, dos fiéis à mística de Brasília. É lugar modesto, onde não se fala em dólares. Não consta das "crônicas sociais". O Beirute, como Brasília, tem resistido às intempéries, à problemática dos tempos, à crise constitucional, estrutural, do Brasil. O povo brasileiro foi sempre explorado pelos proprietários da terra, pelos "donos do poder". Não foi Brasília que gerou essa situação horrível, que não mudou nem muda. Que está fazendo o resto do Brasil para que as coisas mudem?

Brasília sobreviveu porque constitui um posto indispensável para a continuidade da "Marcha para o Oeste" e a Amazônia - a tomada de posse do Brasil pelos próprios brasileiros. E o Beirute se justifica porque é o lugar ameno, de convívio, de confraternização, de distração daqueles que chegaram até aqui, reagindo às tentações litorâneas, às regiões agradáveis do turismo.

O Beirute atende a todos os tipos de pessoas porque não é maniqueísta; é dialético. Sabe que a perfeição absoluta não existe e, se existir, será possivelmente chata. Além disso, plantado em cidade pioneira, o agradável recanto do quibe e do chopinho, criou um estilo também pioneiro. Reúne, congrega, sem classificar. Mas, nesse espaço limitado, os grupos vão-se formando, segundo seus próprios interesses. Há mesas em que se reúnem pessoas de qualidade intelectual, como o prof. Acioli, físico da UnB e cineasta amador, e o prof. Trajano, do Departamento de Antropologia da mesma universidade. Mas esses antigos habitués do Beirute não vão ali a fim de lecionar para os leigos, mas, sim, para repouso e entretenimento. Estudantes, jornalistas, publicitários, artistas, economistas, burocratas, todos vão ao lugar da cozinha árabe, que, fiel ao sincretismo brasileiro, é preparada por nordestinos, e, porventura, por mineiros. Nessa democracia global à Walt Whitman, os namorados tradicionais, como sambas-canções, avizinham-se das "minorias eróticas". Um senhor idoso, solitário e distante, não se perturba pela vizinhança da turma jovem, barulhenta. Há tipos especiais, singulares, que são conhecidos no lugar, como o jovem beatnik que traz a cabeça envolvida por um lenço colorido, à maneira de pirata. Ele se acha presente em todas as manifestações artísticas da cidade. Chega a parecer ubíquo. O interesse pela arte é grande nesse recanto geralmente tranqüilo. Apesar dos pesares - de tudo o que, na vida, é negativo e lamentável -, a maioria dos freqüentadores do Beirute, unidos aos que ali trabalham lealmente, animadamente, almejam viver com simplicidade e alegria. Em suma, dedicam-se ao aprendizado da arte de viver e desejam contribuir para que o Brasil seja um grande país, porém não só pelo tamanho, mas, também, pela qualidade do espírito laborioso, justiceiro, generoso.

Fonseca, Fernando Oliveira, 1953 -
F676b Beirute, Final de Século.
Brasília, Coronário, 1994
284 p. ilust.
1. Brasília, DF - Bares e Restaurantes
2. Brasília, DF - História
3. Beirute (Bar) - História
I. Título
CDD: 647.9509817
981.7